

Quando a favela se torna museu: reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino turístico¹

Palloma Valle Menezes*

Resumo

Visitar favelas já não é mais uma novidade. Desde o início da década de 1990, a favela carioca saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração disputada pelos agentes promotores envolvidos. O caso paradigmático é a Rocinha, que recebe cerca de três mil turistas por mês. Os tours de favela no Rio, contudo, já não se restringem mais a essa localidade. Em 2005, foi inaugurado, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o "Museu a Céu Aberto do Morro da Providência" direcionado a atrair visitantes externos à localidade. Por meio de entrevistas em profundidade com informantes qualificados e observações de campo, tento resgatar o processo de transformação da favela em patrimônio e destino turístico, focalizando sobretudo as dificuldades de implementação do projeto devido ao contexto de violência gerado pelos constantes conflitos existentes na favela entre o tráfico local e a polícia.

Palavras-chave: turismo, patrimônio, políticas públicas, favela, violência.

1. Introdução

O Morro da Providência é uma favela carioca adjacente à área de Proteção do Ambiente Cultural da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, preservada desde 1988. Seu maior diferencial é o fato de ser considerada – por diversos historiadores, cientistas políticos, jornalistas e pelo próprio Poder Público – como o primeiro exemplo de um tipo de assentamento habitacional, surgido no Rio de Janeiro há mais de um século, que hoje é denominado genericamente como *favela*. Segundo o Prefeito César Maia:

Esta é a primeira grande favela do Rio de Janeiro, berço da organização popular, que abrigou as tropas de Canudos. É o antigo Morro da Favela, nome que passou a designar todas as ocupações em áreas de encostas na Cidade. É um local que guarda a memória da Cidade.²

¹ Trabalho apresentado no GT “Turismo e Patrimônio Cultural” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR.

* Mestranda em Sociologia pelo IUPERJ. Sua dissertação aborda as tentativas de implementação do turismo no Morro da Providência onde um Museu foi inaugurado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2005. Trabalha nas pesquisas “Touring Poverty in Buenos Aires, Johannesburg and Rio de Janeiro” (financiado pela Foundation for Urban and Regional Studies --FURS) e “A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico” (financiado pelo CNPq) coordenados por Bianca Freire-Medeiros (CPDOC/FGV). E-mail: pallomamenezes@hotmail.com

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Exatamente por carregar este título “de primeira favela carioca”, a Providência foi escolhida pela Prefeitura para ceder o *primeiro* museu de favela da cidade do Rio de Janeiro. Em 2005, foi inaugurado, então, o Museu a Céu Aberto da Providência, idealizado pela arquiteta e urbanista Lu Petersen, no contexto do Favela-Bairro e do Projeto Célula Urbana, como parte da revitalização da área portuária que, além do Museu, inclui a Cidade do Samba e a Vila Olímpica da Gamboa. Foram investidos, no Favela-Bairro da Providência, R\$ 14,3 milhões para a construção de redes de água e esgoto, praças e creche, como acontece em outras favelas, mas também para viabilizar a reforma de antigas edificações e a criação de pontos turísticos na favela.

Visitar favelas cariocas já não é mais uma novidade para os turistas que chegam ao Rio de Janeiro atualmente. Desde o início da década de 1990 a favela carioca saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração lucrativa para os agentes promotores envolvidos. Como aponta Freire-Medeiros, (2007), o caso paradigmático é, sem dúvida, a favela da Rocinha, que recebe cerca de três mil turistas por mês, levados por cerca de sete agências que ali atuam regularmente.

Estudar o caso da Providência é importante, pois, em contraste com o que ocorre na Rocinha, ali não é o capital privado o agente promotor do turismo, mas sim o próprio Poder Público. “Esta iniciativa”, sugere Freire-Medeiros (2006), “aponta para uma experiência de ‘patrimonialização’ da favela diretamente vinculada à sua promoção como destino turístico”.

Por meio de entrevistas em profundidade com informantes qualificados e observações de campo, tento resgatar neste artigo o processo de transformação da favela em patrimônio e destino turístico, focalizando, sobretudo, as dificuldades de implementação do projeto devido ao contexto de violência gerado pelos constantes conflitos existentes na favela entre o tráfico local e a polícia.

2. O processo de patrimonialização da favela

Boa parte dos trabalhos recentes sobre patrimônio sugere, como destacam Appadurai e Breckenridge, que a apropriação do passado por atores do presente está sujeita a uma

² Depoimento registrado no dvd promocional do Museu produzido pela “Cara de Cão Filmes” sob encomenda da Prefeitura do Rio de Janeiro..

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

variedade de dinâmicas. Estas vão desde “problemas associados à etnicidade e identidade local, nostalgia e busca de uma autenticidade “museificada” até a tensão entre os interesses dos Estados em fixar identidades locais e as pressões que as localidades exercem ao tentar transformar essas identidades” (2007: 13).

Neste contexto, um dos principais papéis que a literatura sobre este tema cumpre é lembrar que “o patrimônio é cada vez mais um assunto profundamente *político*, no qual as localidades e os Estados estão freqüentemente em desacordo, e que os museus estão no meio dessa tempestade específica” (Appadurai, Breckenridge; 2007: 14)

A idéia de patrimonializar o Morro da Providencia, criada por Lu Petersen, coordenadora de projetos da Assessoria Especial Célula Urbana do Gabinete do Prefeito César Maia, inseri-se num contexto de mudanças das políticas implementadas pela Poder Público em relação às favelas cariocas³. Apresentado como desdobramento do Projeto Mutirão (1983-1984), do Projeto Urbanização Comunitária / Mutirão Remunerado (1985-1992) e do Programa Favela- Bairro (1993 em diante), o Projeto Célula Urbana⁴ (iniciado em 1999) tinha o intuito de induzir as favelas ao “desenvolvimento endógeno”.

O que a Prefeitura pretendia com o projeto do Museu a céu aberto do Morro da Providência era que a Célula Urbana desta favela, ao se constituir em uma nova abordagem do programa Favela-Bairro, pudesse resultar no “ineditismo do tombamento de uma área de especial interesse social como patrimônio histórico e cultural”. Tornando-se, dessa maneira, “um marco definitivo, comprovador de que as favelas integram o desenho urbano do Rio de Janeiro”. (2003:42)

³ Desenvolverei mais detalhadamente esta reflexão em minha dissertação.

⁴ Seu principal objetivo é o de inserir, articular e potencializar a criação de núcleos de desenvolvimento urbano, econômico, social, político e ambiental. A construção de espaços multiusos, como vetor do microdesenvolvimento – que se irradia para a comunidade, os bairros entorno e a cidade –, pode ser um importante instrumento de sustentação para a redução da pobreza. (2003:15)

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Apesar, dos museus a céu aberto serem uma tendência da “nova museologia”⁵, quando perguntamos a Lu Petersen se ela se baseou em alguma experiência já existente para criar o projeto, ela disse que nem sabia que existiam museus a céu aberto no mundo todo e que “na realidade queria fazer um museu da favela, achava que a favela merecia ter um museu”. Questionamos, então, por que ela não concebeu alguma coisa mais formal em termos de museu e ela respondeu o seguinte:

Porque eu acho ridículo! (...) Se eu vou fazer um prédio e dizer: olha a história favela é essa e tal. Não dá! A gente coloca aquele museu na Providência e ele é vivo, não é a céu a aberto porque não é parado, ele é um museu vivo, porque não tem como o visitante não ter contato com as pessoas, com a história, é tudo automático ali. Aquilo ali esta como uma forma de informação em que o passado é mostrado, o presente está ali, ele vai ter nos próximos anos alguns mecanismos de mudança, ele vai evoluindo ou então se inviabiliza.⁶

Nesta fala de Petersen fica claro, que independente do projeto ter sido inspirado ou não em concepções da chamada “nova museologia”, ele está inserido dentro deste contexto e enquadra-se dentro das modificações que ocorreram na natureza dos próprios museus nos últimos anos. De forma resumida, Moreira (2007) resume essas modificações em três grandes fatores, todos ligados à evolução global da instituição museu.

Poderíamos dizer que o Museu da Providência se enquadra em todos os três fatores, já que, em primeiro lugar, ele é não seria classificado como um museu passivo, mas sim

⁵ Nota-se atualmente uma nítida modificação da natureza dos museus. Moreira (2007) resume essas modificações em três grandes fatores, todos ligados à evolução global da instituição museu. O primeiro fator é “a evolução do museu passivo para o museu pró-activo”. Isso quer dizer que: “já não se espera mais que os visitantes fiquem biquiabertos diante das exposições. Agora dá-se mais ênfase a seu grau de participação nelas. Os museus “vivos” substituem os museus “mortos”, os museus ao ar livre substituem os museus fechados, o som substitui murmúrios impostos pelo silêncio e os visitantes não estão mais separados por divisórias de vidro daquilo que é exposto” (Urry, 1990:176). O segundo fator consiste na “evolução do museu organizador de exposições (permanentes e, mais tarde, também temporárias) para uma instituição que oferece um conjunto alargado de serviços, isto é, o processo de diversificação das formas de interação museu/população”. E o terceiro fator corresponde a um “evolução da instituição museu de um serviço central para um serviço disperso, ou seja, a passagem da formatação única “grande museu” localizada no topo da hierarquia urbana, para uma multitude de formações dispersas pelo território”. (Moreira, 2007:102). Estes três fatores, contribuíram, em concomitância e complementariedade, para que se produzissem alterações significativas ao nível das funções atribuíveis à instituição museu, fato que, teve reflexos importantes em dois níveis fundamentais: “1) numa desconstrução do paradigma de museu e de seus préstimos sociais, motivados numa primeira fase, pelas críticas e posicionamentos oriundos dos novos modelos e formações museológicas emergentes (exo-desconstrução) e, numa segunda fase, por um esforço de adaptação as novas realidades de contextualização das instituições museológicas dominantes (auto-desconstrução). 2) Numa reconstrução multivariada e multifacetada de novos paradigmas adaptados não só aos novos contextos de inserção (nacional, regional e local), mas também às novas exigências, valores e necessidades do público potencial”. (Moreira, 2007:102)

⁶ Entrevista com Lu Petersen realizada por Bianca Freire-Medeiros e por mim em 29 de março de 2006.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

pró-activo. Isso porque nele não se espera que os visitantes apenas observem uma exposição, mas que procurem participar de alguma forma com o patrimônio e as pessoas da favela.

Em segundo lugar, o museu foi planejado não apenas expor patrimônios, mas também para ser uma instituição que oferece um conjunto alargado de serviços como: oficinas de oficinas de dança, capoeira e artesanato – oferecidos por uma ONG contratada pela Prefeitura – para que moradores preparem apresentações para fazerem e artesanatos para venderem aos visitantes. Além disso, a Prefeitura oferece, através do Projeto Agente Jovem⁷, cursos para capacitar jovens moradores, de 14 a 18 anos, com o objetivo de que eles conheçam um pouco mais da história local e possam guiar os turistas durante os passeios pelo Museu. Este tipo de iniciativa, que tenta gerar uma diversificação nas formas de interação entre o museu, a população e o público, é importante porque como destacam Appadurai e Breckenridge:

os espectadores não chegam aos museus como “vazios culturais (...), provavelmente não serão receptores passivos e vazios da informação cultural contida nas exposições e nos museus. Antes, como em todas as sociedades, eles vêm com noções complexas a respeito do que provavelmente será visto, e compartilham esse conhecimento de modos altamente interativos entre si com aqueles poucos “especialistas” que são escalados para o papel de explicadores. Assim, museus e exposições são frequentemente caracterizados não pela observação silenciosa e reflexão interiorizada, mas por uma boa quantidade de diálogo e interação entre os espectadores, bem como entre eles e quem quer que esteja desempenhando o papel de guia. Aqui a experiência museal não é somente visual e interativa, é também profundamente dialógica, isto é, é uma experiência na qual a literacia cultural se desenvolve a partir de diálogos nos quais conhecimento, gosto e resposta são negociados publicamente entre pessoas com antecedentes e habilidades muito diversas. (2007:23)

Em terceiro lugar, o museu está inserido no contexto de “evolução da instituição museu de um serviço central para um serviço disperso”. E isso se deve ao fato de a história da favela não estar sendo contada e lembrada em um único “grande museu localizada no topo da hierarquia urbana”. A memória das favelas vem sendo celebrada através de uma

⁷ Até meados de 2006, a Célula Urbana em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social ofereceu aos moradores, em conjunto com o projeto do museu, o Projeto Agente Jovem. Um dos professores da oficina destaca que as aulas, ministradas no Café Internet da Providência, “não ensinam só sobre a história local ou como os jovens devem se comportar como ‘guias’, mas ensinam também sobre cidadania, cultura, ética, DSTs, etc”. E acrescenta: “sempre ensino para meus alunos que eles devem tratar o turista como se fosse um amigo, respeitando as diferenças”. Justificou que insiste muito nisso porque “quando chegar na Providência um turista com um sotaque, uma roupa, um jeito diferente, os agentes não podem ficar rindo, não podem tratar diferente porque o turista é homossexual por exemplo, precisam ser éticos e tratar todos turistas igualmente bem”. Em uma das paredes da sala de aula, destaca-se um cartaz: “ser ético é... respeitar o turista”.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

multiplicidade de formações dispersas pelo território da cidade, e o museu da Providência é uma dessas formações possíveis:

Visitar o Museu Vivo da Providência é um passeio que começa pelo Museu da Dodô, moradora que faz mais rica a história da comunidade. Subindo as escadarias construídas pelos antigos escravos o museu vivo começa a revelar uma comunidade de fé. Chegamos a Igreja de Nossa Senhora da Penha erguida há mais de cem anos. Seguindo esses trilhos o visitante chega ao primeiro mirante do museu vivo do Morro do Providência e descortina uma visão deslumbrante da cidade. Daqui podem ser vista a Cidade do Samba e a Vila Olímpica da Gamboa. Depois dessa pausa para os olhos basta seguir as placas indicativas de sinalização para chegar à Capelinha do morro e admirar uma das mais singelas igrejas do Rio. Mais alguns passos e o turista chega ao segundo mirante de onde se vê a Zona Portuária do Rio de Janeiro. Outra vez a vista encanta pela beleza. O passeio continua até o reservatório de lembranças onde o visitante encontrará um ponto de apoio ao turista. E para fechar a visita mais uma visão maravilhosa do Rio pode ser admirada do terceiro mirante do Museu do Morro da Providência. Percorrer esse itinerário da história viva da cidade é viver um pouco do Rio de Janeiro e descobrir que o Rio tem muito o que mostrar, o que contar e o que se ver”⁸.

Os processos de “reclassificação” de pontos da Providência que passaram a ser considerados patrimônios envolveram em linhas gerais: a reforma ou restauração de construções que a Prefeitura considerou que tinham algum “valor histórico” para a favela. Alguns desses pontos são uma escadaria – que teria valor histórico por ter sido construída por escravos – uma Igreja construída antes de 1860 e uma Capelinha – que seria a *prova* de que os primeiros habitantes da favela foram soldados, na época, recém chegados da Guerra de Canudos.

Estas três edificações encontravam-se em péssimo estado de conservação e pareciam estar se deteriorando cada vez mais, por isso foram restauradas pela Prefeitura. Assim como também foi restaurado um reservatório de água, construído em 1913 que estava abandonado. A pequena edificação em forma de octógono teria sido um importante ponto de encontro e referência na favela e, quando as obras do museu tiveram início, estava sendo usado para criação de galinhas. A idéia da Prefeitura era transformar a construção em um reservatório de lembranças no qual haveria uma instalação acústico-visual, onde o visitante poderia ouvir depoimentos de antigos moradores, que contariam experiências vividas, relembriariam fatos e, assim, tentariam “recompôr verbalmente a imagem social e espacial do passado dos morros das favelas cariocas”. Assim, estaria se buscando preservar não só o bem material que é o prédio do reservatório, mas também um valioso bem “imaterial” ou

⁸ O DVD do museu foi produzido pela “Cara de Cão Filmes” sob encomenda da Prefeitura do Rio de Janeiro

“intangível” que são as memórias dos moradores mais antigos que não se perderiam mais no tempo depois de que tivessem sido registradas.⁹

A casa de Dodô da Portela¹⁰ também foi um dos espaços da favela que ganhou status de patrimônio, sendo transformada em um museu do carnaval, que recebe o próprio nome da dona que, segundo Petersen, “além de ser um ícone de carnaval e ter 85 anos, tem um verdadeiro patrimônio de carnaval na casa dela. Ela tem fantasias que ela desfilou, ela tem a primeira bandeira que a Portela usou quando foi campeã do primeiro desfile oficial de escola de samba do Rio de Janeiro em 1837”¹¹.

Há ainda outras idéias que constam no projeto de reclassificação de espaços da favela mas que ainda não foram coladas em prática. Uma dessas idéias seria a de “congelar algumas casas, vielas e becos”¹². Segundo Lu Petersen (2003), “isto significa que o visitante poderia entrar no interior dessas casas e ter uma visão clara de situações de viela dos moradores da favela”.

Além de todas estas restaurações, reformas já realizadas e algumas propostas que ainda não saíram do papel, o processo de “invenção” do museu a céu aberto envolveu a construção de pontos turísticos, o embelezamento de determinadas áreas e a aplicação de marcadores do roteiro turístico do Morro da Providência. Analisaremos estes processos na próxima seção que tratará da construção da favela como destino turístico.

3. A construção da favela como destino turístico

John Urry (2001) desconstrói a idéia de que determinados lugares teriam uma “vocação turística” e lembra que pontos turísticos proliferam pelo mundo à medida que o turismo diariamente redesenha lugares a partir de determinados temas. Infra-estruturas turísticas têm sido construídas em locais improváveis onde as pessoas simplesmente vivem, a partir da associação da imagem do local com natureza, nação, colonialismo, comunidade,

⁹ Apesar do prédio do reservatório já ter sido reformado, a instalação ainda não foi colocada em seu interior devido à “falta de segurança” do local. Assunto este que será discutido na secção a seguir.

¹⁰

¹¹ Entrevista com Lu Petersen realizada por Bianca Freire-Medeiros e por mim em 29 de março de 2006.

¹² O espaço interior dessas casas “congeladas” iria reproduzir “na íntegra, o mobiliário, a decoração e os objetos pertencentes à família”. Cada uma seria indenizada por seu bem imóvel e pelo direito de utilização de sua imagem em obras de arte, fotografia e vídeo. Além disso, havia o projeto de reconstruir com base em arquivos fotográficos e filmes de época “os barracos de madeira, erguidos na encosta da pedra pelos escravos libertos, os soldados e mulheres que vieram da Guerra dos Canudos” (Petersen, 2003).

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

sacrifício, patrimônio, entre outros. Tais locais tornam-se, assim, alvos do turismo global, criando-se novos destinos inesperados como Alaska, locais de ocupação nazista, monte Everest, Peal Harbour, Rússia pós-comunistas e as favelas cariocas. A “reflexividade do turismo” faz com que quase todos os lugares sejam capazes de se desenvolver para atender a um nicho dentro da ordem global.

Além disso, a “reflexividade do turismo” estabelece um conjunto de matérias, procedimentos e critérios que capacitam cada lugar a monitorar, avaliar e desenvolver o seu potencial turístico dentro dos padrões globais de turismo. Lugares novos, diferentes, repaginados ou direcionados para determinados nichos tem sua imagem visual “inventada”, produzida e posteriormente divulgada através da TV e da Internet.

Como afirmam Appadurai e Breckenridge (2007) tanto os museus quanto as viagens de hoje seriam difíceis de se imaginar fora de uma infra-estrutura de mídia razoavelmente elaborada. Isso porque, para que uma atração turística se estabeleça enquanto tal – independente se ser um museu, um parque temático, uma paisagem natural ou qualquer outra coisa – e seja escolhida para ser visitada por um determinado público é preciso que exista uma expectativa dos turistas em relação a essa atração.

Segundo Urry, é necessário que o turista tenha devaneios e fantasias “em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de praticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar”(1990:18).

Freire-Medeiros (2007) sugere que a construção da favela como destino turístico também não foge a premissa citada acima e depende, diretamente, da antecipação da experiência que se constitui em diálogo com as imagens da favela veiculadas em diversos produtos culturais, imagens estas que criam uma moldura interpretativa e comportamental para o turista.

Entre as referências filmicas, a autora cita *Orfeu Negro* (FRA, 1959), *Cidade de Deus* (Brasil, 2002) – promovido mundo afora como um “testemunho da vida nos guetos cariocas” e destacado por muitos turistas como sua principal referência sobre o que é uma

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

favela – e, poderíamos acrescentar ainda *Tropa de Elite* (Brasil, 2007) que provavelmente também se tornará, para muitos estrangeiros, uma referência do que são as favelas cariocas.

Entre os vários empreendimentos que se utilizam da “marca favela”, Freire-Medeiros (2007) cita o *Favela Chic*, club com sede em Paris e filiais em Londres, Glasgow e Miami. E destaca que foi em Paris, mais precisamente na estação de trem de Luxembourg, que o Morro da Providência veio a ser apresentado para o público internacional. A instalação *Favelité*, parte das comemorações do Ano do Brasil na França, reproduzia, por meio de uma colagem de cerca de 800 imagens de autoria de jovens fotógrafos moradores de favelas, barracos, vielas e moradores para encanto dos parisienses.

Como resume Phillips (2003), a “favela” tornou-se um prefixo tropical capaz de incrementar e tornar “exóticos” lugares e produtos os mais variados. Guias de viagem, filmes, documentários, romances, etc. contribuem para a formulação de uma favela que circula mundo afora e a encaixam nas narrativas mais amplas do turismo “alternativo” que celebra a alteridade como objeto de consumo. É a partir desses vários suportes, que a constroem como um *território da imaginação*, e em que são investidos diferentes ansiedades e desejos, que a favela pode ser elaborada como destino turístico (Freire-Medeiros, 2007).

Todavia, para explicar a elaboração da favela como atração turística, Freire-Medeiros (2007) sugere que é preciso inseri-la não só no fenômeno de circulação global da favela como *trademark*, como também no campo dos chamados tours de realidade. É o suposto caráter autêntico, interativo e extremo do encontro que promove, que fundamenta-se a identidade dos *reality tours*. A possibilidade de vivenciar em primeira mão as emoções do “Outro” é o grande atrativo desse tipo de prática turística. Para efeitos de análise, Freire-Medeiros (2007) divide os tours de realidade em dois tipos principais: “tours sociais” e “tours sombrios”:

Os “tours sociais” vendem participação e autenticidade em viagens tidas como contraponto à vocação destrutiva do turismo de massa. Têm como destinos privilegiados localidades em desvantagem econômica, conformando um subcampo do turismo de realidade eloquentemente chamado de *pro-poor tourism* ou *pitty tourism*. Já os “tour sombrios” prometem experiências inusitadas, interativas e aventureiras em localidades associadas a mortes, desastres e sofrimento: os campos radioativos de Chernobyl, os túneis Viet Cong, o Ground Zero em Nova Iorque.

A “construção” do Morro da Providência como um destino turístico, além de estar inserido nestes contextos– de expansão dos reality tours no mundo todo e de circulação da

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

favela como uma marca–, exigiu um esforço do Poder Público no sentido de, não só reformar e restaurar edificações que passaram a ser consideradas *patrimônios*, como também criar pontos turísticos, embelezar determinadas áreas e aplicar marcadores que pudessem guiar e direcionar o olhar do turista no percurso do Museu a céu aberto.

Foram criados, por exemplo, para se tornarem pontos turísticos do museu, três grandes mirantes¹³. Construídos em madeira (como se fossem decks) os mirantes possibilitam que os turistas tenham acesso à vista privilegiada da cidade com suas imagens de cartão-postal – Pão de Açúcar, Corcovado, Baía de Guanabara — somadas a outras menos convencionais como a Central do Brasil, o Sambódromo, a Zona Portuária, a Ponte Rio-Niterói e o Maracanã.

Para que pudessem ser criados estes espaços turísticos, várias casas foram removidas. Segundo os idealizadores do Museu, criar os mirantes foi importante não só para permitir aos turistas o acesso à vista da cidade, como também para “aumentar a circulação do ar” e arejar o ambiente.

Aquilo ali teve um monte de casa retirada, ali você hoje respira, tiramos as casas que estavam na ladeira da quadra que fechavam a vista da Baía de Guanabara, agora entra uma brisa. Pode ver que se você medir a temperatura, lá hoje a temperatura é muito mais baixa do que era. Porque foi “desadensando”, hoje as pessoas podem andar, você pode andar lá.

A Prefeitura, no projeto original, pretendia instalar dois telescópios e um mapa fixo circularmente em 360 graus para oferecer ao visitante uma perspectiva comparada do crescimento de cada ponto da cidade, principalmente da Zona Portuária e das favelas nas encostas dos morros centrais. Mas devido a problemas relacionados à violência no local – que serão discutidos mais a frente – não foi possível viabilizar essa idéia¹⁴.

No terceiro mirante foi reformado um bar, o *Bar do Beto*, para que o estabelecimento passasse a oferecer aos turistas, como afirma Petersen, “alimentos e bebidas em condições higiênicas, e de contrapeso um magnífico pôr-do-sol sobre a Baía de Guanabara”. O dono de um bar se mostrou bastante entusiasmado com a reforma de seu estabelecimento patrocinada pela Prefeitura e com o curso que vem fez no Senac.

¹³ No projeto do museu estava prevista ainda a construção de outros pontos turísticos: como um centro de informações e venda do museu na base da escadaria. Em torno dela haveria algumas estações de “descanso”, que deveriam ser equipadas com cafês, pequenas galerias de arte e artesanato, assim como livrarias temáticas.

¹⁴ Entrevista com Lu Peteresen realizada por Bianca Freire-Medeiros e por mim em 29 de março de 2006.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Organizado pelo projeto “Rio Hospitaleiro” da Secretária de Turismo, o curso de 70 horas versa sobre “qualidade de atendimento, cidadania e legislação, informações sobre o sistema turístico, história e cultura do Rio de Janeiro e noções básicas de inglês e espanhol”¹⁵.

Além das obras de infra-estrutura turística, placas de identificação foram colocadas nos pontos de visitação. A Prefeitura aplicou ainda de um piso para guiar os visitantes pelo roteiro de visitação na favela. A nova paisagem do museu, criada pelas obras do Favela-Bairro, segundo Petersen, “substitui o que seria a galeria de um museu tradicional”.

4. Alguns dilemas práticos relacionados à implementação e a visitação do Museu

Duncan Light (2007) afirma que “o Estado é um ator importante na política cultural do turismo”. Política cultural esta que envolve escolhas sobre formas de turismo consideradas apropriadas e como, onde e para quem devem ser promovidas. Como resumo o autor, “a representação da cultura local é um ato político assim como a escolha sobre que recursos lugares serão desenvolvidos ou celebrados como parte da identidade de um território”.

Em janeiro de 2007, o Prefeito César Maia, em um ato político, incluiu na lista “Prioridades de 2007” a promoção de visitas turísticas sistemáticas ao Museu a Céu aberto do Morro da Providência. O objetivo do Prefeito com isso, era tentar implementar outras idéias para viabilizar a visitação do Museu, já que até meados de 2006, o projeto enfrentou seríssimas dificuldades, com as visitações comprometidas pelos constantes conflitos entre policiais e narcotraficantes. A partir do final daquele ano, contudo, foram agregados quatro fatores que eram vistos por Petersen como fundamentais à sua viabilização:

Em primeiro lugar, o funcionamento da Cidade do Samba, que é um sucesso. Em segundo a iniciativa do Comandante do Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/CPAE, o atual Secretário de Segurança Pública, que instalou o GPAE na Providência (em agosto de 2006) e reduziu os conflitos. Em terceiro, a eleição organizada e transparente da Diretoria da Associação de Moradores, que elegeu a Verinha, uma rara liderança que dialoga com todos e tem uma certa independente. E finalmente a Secretaria de Turismo que fechou parceria com a Célula Urbana.

Naquele momento a Associação de Moradores do Morro da Providência parecia estar interessada em participar de forma mais direta nas atividades relacionadas ao museu. A nova presidente da associação de Moradores, e os moradores, quer diretamente envolvidos com a promoção do turismo na localidade ou não, pareciam estar bastante

¹⁵ Informações disponíveis no site <http://www.riohospitaleiro.tur.br>

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

otimistas. Pelo que podíamos observar, naquela época, muitos moradores apostavam que a presença de turistas não apenas traria desenvolvimento econômico, como também funcionaria como um inibidor para as ações arbitrárias da polícia.

A presidente da associação afirmou que esperava que a presença de visitantes na favela poderia ajudar a conter a violência no morro e declarou que iria comunicar a polícia que visitas já estavam ocorrendo no Museu, para que eles soubessem que tinha “gente de fora” e que não podiam “sair atirando”. Uma das outro moradora acrescentou: “com turistas andando pra cima e pra baixo, eles não vão ter coragem de se fazer de besta”.

Segundo uma das lideranças da Associação, “ninguém nunca reclamou de vir turistas na favela. Pelo contrário, as pessoas acham bom porque antes o morro era abandonado”. E pondera: “ao visitarem a favela, os turistas estão prestigiando a comunidade, já que podiam estar na praia, na Barra da Tijuca, mas não... quiseram ir conhecer a comunidade”. Argumento equivalente é defendido por um antigo morador da favela, que acredita que o turismo na Providência é “algo positivo para divulgar para fora a favela e levar uma boa imagem da Providência para a mídia”. Completa dizendo que nem mesmo os traficantes do morro se opõem a presença dos turistas: “eles sabem que com a presença de pessoas de fora a polícia pode ficar mais afastada e evitar conflitos na favela”.

Mas todo aquele *sólido* otimismo que parecia existir na Providência logo se *desmanchou no ar*. A presidente da associação parecia já prever que mais cedo ou mais tarde isto aconteceria, visto que, no dia 16 de junho de 2007, na cerimônia da posse de sua diretoria – da qual participaram representantes da Faferj, secretários municipais e vereadores – ela declarou publicamente que sabia que se a situação de enfrentamento entre polícia e tráfico não mudasse rapidamente na favela, ela não conseguiria se manter no cargo por muito tempo.

Agora eu queria agradecer aqui o meu Presidente Rossino Castro (Presidente da Faferj presente na posse) (...) ele vai ter que me aturar por muito tempo porque eu estou com um problema muito sério aqui na minha comunidade que são umas balas (...) todos os dias tem uns tiroteios. Então eu vou te falar um negócio: eu vou ter que resolver o problema desses tiroteios porque graças a Deus os meus meninos já atenderam meu pedido e não estão dando tiros. Mas aí chegam (os policiais) aqui na porta da associação e pá, pá, pá. Não existe isso, tem criança aqui, tá Rossino? Vamos correr atrás desse prejuízo. Porque eu estou colocando minha cabeça a prêmio.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Passados poucos meses desta cerimônia de posse – e agravado o contexto de conflito entre polícia e tráfico depois que um novo comandante passou a coordenar o GPAE da Providência – a presidente eleita da associação foi “convidada” pelo tráfico a deixar o cargo, pelo que se comenta, por não querer organizar uma manifestação contra a violência policial na favela.

No mesmo período, setembro de 2007, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) lançou o programa *Segurança Cidadã* no Morro da Providência, fruto de uma parceria entre a Prefeitura e a Polícia Militar do Estado do Rio. Na mesma ocasião, também foram inaugurados o Centro de Referência da Assistência Social (Cras) Dodô da Portela e a nova sede do GPAE numa casa de seis andares que antes encontrava-se abandonada e tomada pelo tráfico.

Em outubro, depois de ter esperado vários meses até a reforma do *Bar do Beto* ficar pronta, Lu Petersen em parceria com a RioTur, organizou um passeio para apresentar o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência a agências privadas de turismo – que já levam turistas para visitar a Cidade do Samba. A intenção da Prefeitura era que alguma agência se interesse em adicionar o roteiro do Museu a seus pacotes turísticos.

O dono da agência apesar de afirmar ter gostado muito do museu e achar que os turistas também adorariam visitá-lo, se mostrou, no final do passeio, bastante preocupados com as condições de segurança da favela. Ele disse não acreditar que existam na Providência condições para se operar um tour, já que nem o fato de terem sido convidados pelo sub-secretário de turismo do município para ir a favela, o que, segundo ele, “pressupõe que havia uma estrutura por trás daquele evento”, teria sido capaz de impedir que tiros fossem ouvidos enquanto eles visitavam a favela.

5. Considerações finais

Atualmente o Morro da Providência ainda encontra-se ocupado pelo Exército. E a existência do Museu a céu aberto do Morro a Providência não é lembrada pelos meios de

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

comunicação¹⁶, assim como também parece ser ignorada pela maioria dos moradores da favela.

A análise realizada ao longo deste trabalho me leva a levantar uma hipótese para tentar explicar este suposto *esquecimento* do Museu – que muito me incomodou durante meu trabalho de campo. Acredito que talvez este esquecimento se deva ao seguinte motivo: o Museu a céu aberto do Morro da Providência é um projeto bastante inovador que se insere numa série de tendências surgidos nos últimos anos – inclui-se nas propostas feitas pela “nova museologia”, no processo de democratização da preservação da memória de grupos que até então não tinha acesso a ela, nas mudanças propostas em relação às publicas direcionadas às favelas, na idéia de criar novos espaços de consumo da cidade como atração turística –, mas talvez ele não tenha conseguido se viabilizar exatamente por ignorar importantes premissas presentes nessas novas tendências.

Um exemplo do que estou dizendo é que ainda que não tenha sido baseado, segundo Petersen, em nenhuma experiência dos muitos museus a céu aberto espalhados pelo mundo todo, o Museu da Providência insere-se no contexto da “nova museologia”. No entanto, “desrespeita” uma de suas premissas mais essenciais que diz que:

A implementação de políticas patrimoniais deve partir dos anseios da comunidade e ser norteada pela delimitação democrática dos bens reconhecidos como merecedores de preservação. A seleção dos bens a serem tombados precisa estar integrada aos marcos identitários reconhecidos pela própria comunidade na qual se inserem. (Funari e Pelegrini, 2006).

No caso da Providência a população não foi nem ao menos consultada sobre o projeto do museu, que conseqüentemente acabou não encontrando “ressonância” entre os moradores desta localidade. É interessante lembrar que o motivo utilizado pela Prefeitura para explicar este fato foi a suposta falta de organização existente entre os moradores da favela. E esta suposta falta de organização é explicada por muitos a partir do contexto de violência vivido pelos moradores da favela atualmente.

¹⁶ Quando o Museu da Maré foi inaugurado, diversos jornais divulgaram sua inauguração falando que ele seria o primeiro museu de favela: “Rua Guilherme Maxwell, 26, atrás do sesi. Está é a localização do mais novo museu do Brasil. Não é um endereço qualquer. Fica no meio do maior complexo de favelas do Rio, a Maré, e segundo o Ministério da Cultura, será o primeiro museu do país a funcionar dentro de uma favela”. (Folha de São Paulo do dia 09 de maio de 2006). Como podemos notar os jornalistas pareciam terem se esquecido totalmente que meses antes o Museu da Providência tinha sido inaugurado e divulgado pela mídia.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Os constantes conflitos existentes entre o tráfico, a polícia e, até o exército, acabam quase todas as possibilidades de se estabelecer um mandato independente na associação dos moradores ou qualquer outro tipo de ação coletiva mais abrangente na favela.¹⁷ Assim, o que se vê hoje é apenas uma *reação coletiva* à violência policial, organizado pela associação e nada mais em termos de ação coletiva na favela.

Esta mesma violência que impede que aja uma organização dos moradores que, conseqüentemente, permitiria sua participação mais direta no projeto do museu, também impede que o museu seja visitado por turistas regularmente, apesar de todos os esforços que a Prefeitura vem fazendo para que a visita aconteça.

Deste modo, acaba ocorrendo uma dupla frustração em relação às possibilidades de alcance do museu: o museu não é lembrado nem pelos moradores da favela como *patrimônio*¹⁸ nem por turistas como um *destino turístico* da cidade do Rio que poderiam visitar – já que na realidade, devido à violência, não é possível que aconteçam tours regularmente. Portanto, o futuro do Museu a céu aberto do Morro da Providência torna-se cada vez mais incerto e imprevisível.

Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio. *Espaço e Debates*, São Paulo, v.14. n.37, 1994.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A editora, v. 1, 2003.

_____; Myrian Sepúlveda. *Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas Polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2007.

APPADURAI, Arjun; BRECKENRIDGE, Carol. Museus são bons para pensar: o patrimônio em cana na Índia. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n 3, 2007.

¹⁷ Em minha dissertação pretendo ler autores que trabalham com este argumento para que eu possa me embasar melhor para tratar deste tema.

¹⁸ Talvez isso aconteça porque, como já foi dito e repetido, os moradores não foram envolvidos na fase de elaboração do projeto, as oficinas realizadas pela Prefeitura não tiveram continuidade, a associação nunca teve real participação nos passeios e nem mesmo os meninos que participaram do Projeto Agente Jovem foram chamados a participar das visitas organizadas pela prefeitura ao museu

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

AQUINO, Ricardo. Museu do Bispo do Rosário Arte Contemporânea: da coleção à criação. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n 3, 2007.

ARAÚJO, Silvana Miceli. Artificio e autenticidade: O turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI, A. e BARRETO, M. (Org.) *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*, Papyrus Ed, 2005.

BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, vol.9, n.20, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da modernidade. *O mal estar da modernidade*. Jorge Zahar Editor, 1997.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução; In: BENJAMIN, W.; ADORNO, T. W; VELHO, Gilberto. (org.). *Sociologia da Arte IV*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Traduzido por Maurício Santana Dias. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, 1994.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 38, 2006.

_____. A favela que se vê e que se vende: Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, p. 61-72, 2007.

Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Jorge Zahar Ed, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

_____. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)
Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

_____. Os Limites do Patrimônio. In: Manuel Ferreira Lima Filho; Cornelia Eckert; Jane Beltrao. (Org.). *Antropologia e Patrimônio Cultural: dialogos e desafios contemporaneos*. 1 ed. Blumenau: Nova Letra, 2007.

_____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2007.

LIGHT, Duncan. Dracula tourism in Romania: Cultural identity and the state. *Annals of Tourism Research*, vol.34, 2007.

MAGNANI, José. Santana de Parnaíba: memória e cotidiano. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; Myrian Sepúlveda (Org). *Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas Polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2007.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. O patrimônio no centro do metrópole: Rio de Janeiro, final de século. *Revista eletrônica do IPHAN*, Brasília, v. 1, 05 dez. 2005.

MOREIRA, Fernando. Uma reflexão sobre o conceito de publico nos museus locais. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n 3, 2007.

PETERSEN, Lu. *Das remoções à Célula Urbana: evolução urbano-social das favelas do Rio de Janeiro*. Cadernos de Comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Depoimentos ao CPDOC/FGV*. Rio de Janeiro, 2006.

PRETES, Michael. Postmodern Torism: The Santa Claus Industry. *Annals of Tourism Research*, vol.22, Issue 1, 1995.

SANTANA, Marco. Memória, cidade e cidadania. In: COSTA, Icléia; GORDAN, Jô. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7Letras Editora, 2000.

VALLADARES, Lícia. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com* . Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. *Mana*, vol.12, n. 1, 2006.

VELOZO, Mariza. O fetiche do Patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; Myrian Sepúlveda (Org). *Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas Polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2007.

URRY, John. *O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina

Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008